

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO VI

Sem Rei não há UNIAO NACIONAL

São Paulo, Janeiro-Fevereiro de 1961 — Caixa Postal, 1804

N.º 35

Director — A. VEIGA DOS SANTOS Red.-Secretário — José de OLIVEIRA PINHO Red.-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

MONARQUIA E REPUBLICA

1 — A Monarquia piora na medida em que se afasta dos seus próprios princípios. Assim, decaiu em adoptando o absolutismo cesarista por influencia dos legistas romano-paganizadores do Occidente. Os últimos reinados franceses dos Luíses; o josefismo na Austria; o pombalismo sob Dom José I em Portugal (do qual era então provincia o Brasil); Aranda na Espanha sob Carlos III; tudo isso foram erros contra os principios realistas.

Depois, a liberalização, "democratização", parti-darização, parlamentarização constitucionalista, minando e depauperando a velha Monarquia Orgânica dos Estados Gerais, das Côrtes, dos Foros e Forais, dos Municipios autónomos, dos Mesteres, a qual, variada em toda a Europa segundo os diversos ambientes nacionais, — objectivas inspira-ções para um actual Reforma do Estado — formava a cristandade. Vícios foram aquêles que, anti-monárquicos, bloquearam os Reinos verdadeiros, fruto de longa experiên-cia e sedimentação históricas, vividas desde antes da cris-tianização occidental, que não utopias nominalistas fadoras da halbúrdia actual da Europa traidora de si mesma.

Confirma-se, pois, o corromper-se a Monarquia na medida em que se afasta dos seus principios próprios.

2 — Ao contrário, melhora a República na medida em que se afasta dos seus principios. Porque estes são fal-sos. Os Estados-Unidos presidencialistas, a Suíça do Con-selho Supremo (rei-colectivo), Portugal do Estado-Novo, a Espanha falangista, são menos repúblicas do que por exem-pto a França parlamentarista (de antes de 1958), o Brasil confusionista, a Itália multipartidária com o seu sacro-de-gatos da democracia cristã, o Uruguai, a Bolivia, etc., al-guns deles arremedados mais ou menos imbecis dos Estados-Unidos, arremedados totalmente arremedados da realidade histó-rica e actual dos néscios estados imitadores.

3 — Não é, porém, maravilha conservar-se o Brasil de pé apesar da república. É tal conservação fruto da incoerên-cia (bendita incoerência) dos republicanos que abandonam praticamente os principios republicanos nas horas gra-ves ou quando, objectivamente, constatarem que os tais "i-mortais principios" não funcionam... Felizmente, são bem superiores à sua abjecta república os nossos inefáveis re-publicanos.

4 — Vai razão com Oliveira Viana ao asseverar:

"Nestes dois volumes (Instituições Políticas Brasi-leiras), que versam sobre a sociologia e metodologia do di-reito constitucional no Brasil, procuro, com efeito, debater e esclarecer, de maneira objectiva, três temas da nossa pu-blicística, que considero principais. Estes temas são:

I) — Na vida política do nosso povo, há um direito público elaborado pelas elites e que se acha concretizado na Constituição.

II) — Este direito público, elaborado pelas elites, está em divergência com o direito público elaborado pelo po-vo-massa e, no conflito aberto por esta divergência, é o di-reito do povo-massa que tem prevalecido praticamente.

III) — Toda a dramaticidade da nossa história polí-tica está no esforço improficuo das elites para obrigar o povo-massa a praticar este direito por elas elaborado, mas que o povo-massa desconhece e a que recusa obedecer".

Em síntese af se afirma a luta da realidade social contra a utopia intelectualista marginal, bebida em fontes espúrias e alheias à Nação e à sua vida histórica.

A constituição mais republicana do Brasil (contra o Brasil), portanto a pior também, foi a de 1891, tubu para tantos primários constitucionalistas: esteve praticamente suspensa por estados de sitio e de guerra, ou por outras formas de escamoteação, em todo o País ou em várias par-tes do País, uns vinte anos durante os 41 da chamada re-pública velha, na qual (diziam) estava "em vigor" (!). Al-go se pode dizer da própria Carta imperial de 1824, com o seu Acto adicional em seguida "interpretado", em magna parte aberrante do nosso direito público vital.

5 — Causa tremendas desordens a passagem da Mo-narquia para a República. A reciproca não é verdadeira.

A regência de 1831 (certa república) gerou a desor-dem em todo o Brasil; a Maioridade (volta à Monarquia) extinguiu-a. A República em 1889 renovou a desordem to-tal (falta de estabilidade e equilibrio em todos os aspectos da vida nacional, falta de ORDEM!), que perdura... A reacção estadonovista, provisória e precária como todo re-gimen artificial, por sinal recoberto com o manto suspeito de "república", arremedou certos predicados monárquicos. Mas podia APENAS arremedá-los e não substituí-los. Tem a vida natural uma essência impossível de ser "realizada" pela imitação.

6 — Neste século, trouxe a República agitações e ca-lamidades profundas e sem conta à China (1905) já agora presa da maior heresia dos séculos, a Portugal (1910), à Rússia (1917), levada por ela ao comunismo — termo lógico da demo-república, à Espanha (1931), quase sacrificada por ela ao mesmo satanismo rubro, à Itália cuja luta desde a instalação da paranoia demagógica se cifra em evitar a peste vermelha que já engoliu a China e outras nações me-nores, em grande parte "colonizadas" pela matriz das re-públicas que atingiram o seu fim lógico: a URSS, isto é a união das REPÚBLICAS soviéticas socialistas...

7 — Ao contrário do deterioramento causado pela instauração de repúblicas, revela-se benéfica a de monar-quias. Para nao nos alongarmos nimamente, consideremos o restabelecimento monárquico na Inglaterra do século 17 sob Carlos II, cujo pai os republicanos haviam assassina-do; a Espanha no século passado; a Holanda que desistiu de experiências desastrosas após duas delas; a instauração monárquica na Noruega em 1906 e a restauração da Monar-quia grega (embora liberal, que não realiza todo o bem do sistema) antes da 2.a Guerra Mundial.

Poderíamos multiplicar os exemplos por toda a histó-ria do Occidente, sem desprezar os orientais, como o Mica-do japonês reengrandecendo o Império após as horrorosas desordens da "república" dos irriquiotos xôguns.

Sómente, porém, com os dados acima, estamos lógica e realisticamente autorizados a afirmar que a Monarquia piora na medida em que se afasta dos seus principios, ao passo que o contrário se dá com a República: melhora na medida em que se alonga dos seus.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

MOBILIZAÇÃO DA MAÇONARIA MAIS UMA DESILUSÃO ... E O FIM CONTRA NÓS

Pedimos a máxima atenção de todos para os seguintes tópicos de suma importância para se compreender a luta do momento:

1 - LAICISMO é uma tendência ou mentalidade de oposição sistemática e alarmista para com toda a influência que a Religião em geral e a Hierarquia Católica em particular possam exercer sobre os homens, sobre suas actividades e instituições. É a teoria de que Bispos, Padres, Religião são coisas que devem ficar fechadas dentro das igrejas, nas quatro paredes de uma sacristia, sem nenhum direito de influir na vida da sociedade.

2 - A MAÇONARIA é a principal propagandista do Laicismo conforme passamos a provar. A circular nº. 58 do Grande Secretário (José H. Ricourte) da Grande Loja do Equador remete à Grande Loja de Anteprojeto apresentado pela Grande Loja da Argentina (quanta grandeza!) pedindo sugestões sobre a "conveniência da organização de um Congresso Interamericano de Laicismo que não seja visivelmente organizado pela Maçonaria (sempre covardes!) mas sim pelos organismos locais". E bom lembrar que esta Circular é recentíssima: 10 de março de 1960. Ela cita algumas proposições aprovadas na II Conferência da Maçonaria Simbólica Interamericana celebrada no México em março de 1952: — "É obrigação de todo o maçom impulsionar um movimento de opinião em favor do Laicismo em cada uma de suas manifestações, especialmente no ensino, no desenvolvimento da cultura nacional, na organização e nos actos públicos estatais. As Grandes Lojas confederadas comprometem-se a iniciar um movimento em favor do Laicismo na imprensa, no rádio, nas revistas, jornais e impressos ocasionais. Apoiar-se a toda a instituição que defenda o Laicismo, a liberdade de consciência e de pensamento, e o ensino da moral laica". Pense o leitor em toda essa campanha nacional contra o Projecto Diretrizes e Bases da Educação sob o pretext-

to falso de defesa da Escola Pública. Está entendendo agora???

3 - COMUNISMO TAMBÉM. Na Quarta Conferência Interamericana da Maçonaria, realizada em Santiago do Chile em 1958, tomaram-se as seguintes resoluções: — "Intensificar a campanha laicista por intermédio dos diversos partidos políticos influenciados (Todos eles são influenciados — "Monarquia"). Tratar de apaziguar o ariete entre a Igreja Católica e a Maçonaria evitando a acção maçônica directa. Incrementar a acção que conduz à quebra da unidade dos movimentos operários, para apressar o seu arrebanhamento. A Maçonaria e o Comunismo persegue(m) momentaneamente o mesmo objetivo na América Latina; por isso deve-se procurar a maior harmonia na acção sem que apareça publicamente sua aliança". E o Grão Mestre da Maçonaria de Paris: — "O Marxismo e a Maçonaria têm o mesmo ideal da felicidade terrestre. Um maçom pode aceitar inteiramente as concepções filosóficas do marxismo. Nenhum conflito é possível entre os princípios do marxismo e da maçonaria". (REB, XIX, 2,393).

4 - CIRCULAR Nº. 14-60, de 10-5-1960 do Grão Mestre Cyro Werneck de Sousa e Silva conclama a todos os maçons a lutarem contra o projecto de Lei Diretrizes e Bases do Ensino, já aprovado pela Câmara dos Deputados. (Cf. Boletim do Grande Oriente do Brasil, maio de 1960, pp. 5 ss.).

CONCLUSÃO: primeira, conclamamos todos os companheiros para a luta contra esses agentes da grande conspiração antirrista mundial; segunda, lembremos ao Sr. Cyro Werneck de Sousa e Silva que seria mais interessante que S. Excia. respondesse às gravíssimas acusações que seus companheiros lhe assaram na última página do "Diário de Minas" de 4-1-61, até sobre assuntos bem feios. "Por um MUNDO MELHOR", (De Belo Horizonte, rev. 1961)

A dormir no leito seu, profundo,
Justiça espera, nos val-vens da sorte,
O Imperador maior de todo o mundo,
Que o mundo todo amou, de sul a norte!

Se a pensar, na Sentença me aprofundo,
Ouço o côro dos Anjos em coorte:
— Glória ao Brasil! Glória a Pedro II,
Cuja coroa triunfou da morte...

Brada o céu a opressão que marca fundo
Os corações, na grande terra inglória,
Ansiosos pela dia da vitória!

Só Deus pode inspirar-me o que difundo,
Que a justiça de Deus na voz da História",
Muitos têm de crer-la!

Glória! Glória!

— Pedro III, da Realiza orlundo,
Vosso Pai, vos traçou a Trajetória!...

ANTONIETA BORGES ALVES
15-11-1960

A propaganda é uma arte verdadeiramente diabólica. Com ela se consegue incutir no espírito desprezando do comum dos cidadãos certos gostos, desejos e, mesmo, idéias e convicções que, por via natural, sem pressões psicológicas externas dirigidas a esse objetivo, jamais assimilariam, a não ser ocasionalmente.

Não é de extranhar, por isso, que as campanhas eleitorais e, mesmo, pré e post eleitorais, façam largo uso dessa arma traiçoeira e criminosas, tendendo à consecução dos objetivos de grupos políticos — quasi sempre encorados em grupos económicos "nacionais" e até internacionais, como se dá no caso brasileiro — que visam manter no poder elementos, ligados aos seus sérdidos interesses, que façam a política que lhes convém, seja, ou não, esta política, contrária aos interesses maiores dos cidadãos que, "trabalhados" por dita propaganda, guindaram ao poder tais elementos.

Erram, portanto, aqueles que, mal avisados, acusam o povo de não ter memória. Memória éle a tem. Fax dela uso, porém, viciosamente, velada esta pela propaganda eleicoeira a qual, quer queira, quer não, lhe incute no espírito idéias dirigidas, que apagam em seu entendimento a visão clara dos acontecimentos passados que o poderiam esclarecer e que, se lembrados e comparados entre si — porque repetidos em diversas situações — levá-lo-iam a concluir contrariamente aos interesses dos políticos e de seus grupos, os quais dirigem (através da propaganda largamente empregada pelas "gangs" ligadas aos candidatos) a consciência e a vontade do pobre povo que, por isso, continua — desde 15 de novembro de 1889 — a tudo assistir "estupificado", isto é, com o espírito embobado, apático, sentindo os efeitos de "tudo", sem saber por razão, a causa dessas "coisas" que acontecem, sem saber por que. E essa propaganda caríssima, que nenhum candidato teria capacidade financeira — por si e por seus partidos — de sustentar, é muitíssimo bem planejada e organizada, tende a projetá-la e executá-la, até técnicos estrangeiros contractados para esse fim.

Ora, se nos dermos ao trabalho de ler a farta messe de jornais e livros, das várias épocas em que tais acontecimentos se deram, publicados pelos autores que funcionavam em todas as pantomimas eleicoeiras, desde o trágico advento do maldito regimen republicano, teremos a oportunidade de ver confirmado o axioma que diz que "a história se repete". Esta história vem se repetindo, quasi que por inteiro, a cada quatro, a cada cinco, ou a cada "quinze longos anos", não importa, dos períodos presidenciais, ditatoriais, ou caudillescos, com os quais feitas são "brindades", pelos grupos politico-economicos que, há 71 anos, vêm desgracando o Brasil em nome de uma falsa liberdade; de uma falsa igualdade; de uma falsa fraternidade, falsos, viciosos e malandros engodos que apenas valem e funcionam em beneficio de seus criadores e apauiguados, os membros da verocissima seita internacional maçoica.

Tudo nos quadros ali pintados se repete. As mesmas queixas. As mesmas lúmurias. As mesmas xingações. As mesmas bandalheiras. Os mesmos "acórdos", negociatas e cambalachos. As mesmas partilhas de beneficios. Os mesmos "testamentos". As mesmas nulidades. Os mesmos demagogos. As mesma descontinuidade. As mesmas mafiosas novidades. As mesmas emissões. Os mesmos aumentos de funcionalismo (em seus ordenados e em seu número, hoje transformado em pleiteia, em avalanche). A mesma, constante e perene queda do câmbio (no Império éle foi durante quasi 50 ANOS praticamente estável). A mesma e constante desvalorização interna da moeda, com o seu consequente aumento geral de preços e per causa di questo, do estapafúrdio e constante aumento do custo de vida. A mesma insegurança da vida nacional, permanentemente ameaçada com pronunciamentos militares, resultado do descontentamento geral. As mesmas greves. As mesmas aruaças. As mesmas correrias. As mesmas patas de cavalo. Os mesmos mortos, que o desespero de uma vida de párias, quasi à beira da fome, hábilmente explorados pelos agitadores internacionais comunistas jogtu à sargeta, abatidos pelas balas de uma policia façoalhuda e sem consciéncia. Os mesmos aumentos demagógicos de salários-mínimos, que apenas favorecem a especulação (desalmada e sem entranhas, alimentada pelo caldo de cultura e circulo vicioso do aumento do custo de vida) e o comunismo (pelo descontentamento, que "o aperto do cinto", traz às "massas" sofredoras). Os mesmos cartórios. As mesmas embaixadas, (regadas a dólares que faltam para outras coisas mais úteis e necessárias), para premiar os amigos "destronados", ou afastar os "inimigos" importunos. Os mesmos peculatos e o seu consequente abrir e "arquivar" de processos e inquéritos, que nada revelam e nem punem os peculatórios. Os mesmos "deficits" orçamentários e... extra orçamentários. As mesmas ineficiências das autarquias e serviços do Estado, etc., etc., enfim, tantas outras repetições que, se as alinhássemos todas, seria necessária e edição de uma verdadeira coleção enciclopédica de livros.

Verificado porém, ao fim de cada período presidencial, que as promessas dos candidatos eleitos não foram cumpridas, desilude-se o povo, mas logo entra em funcionamento a máquina da propaganda republicana, eleicoeira e demagógica, hábilmente dirigida por técnicos no assunto, caríssima e, por isso mesmo, eficiente, montada para as próximas eleições (na sempre novas eleições, para tapear o povo: TODOS OS ANOS TEMOS UMA...), e que logo reanimam os eleitores incutindo-lhes no espírito embo-

tado pela martelar constante, metódico e ininterrupto de "slogans", "gingões" e outros processos diabólicos, (em língua de gente: discursos, discursos com modinhas, etc.), a baleia; o veneno de um novo salvador da pátria que, no próximo período presidencial, fará o "milagre" há tantos decênios esperado, mas jamais alcançado, de um bom governo republicano. E... TUDO RECOMEÇA DE NOVO!

X X X

Mais uma desilusão irá começar em 31 de janeiro. Segundo o "Estado de São Paulo" — o maior dos endeusadores do candidato eleito — ESTÁ SERÁ A ÚLTIMA OPORTUNIDADE. Que Deus o ouça, "para o bem do povo e felicidade geral da nação". Não há nenhuma dívida de que as promessas do candidato, se transformarem em "água de bacalhau". Não que o candidato, honestamente, a esta altura dos acontecimentos, não as queira cumprir. Não. Até que ele terá muita vontade e, até, fará empenho nisso, quando mais não seja, por um sentimento egoísta de passar à história com a auréola de ser o primeiro a fazer algo de bem e de bom pela pátria comum. Ele tentará fazê-lo, não temos dúvida, para cumprir os desejos e o programa dos "grupos que o apoiaram" (suas próprias palavras...) de se perpetuarem no poder, através da eleição de outro membro indicado pelo tal, ou tais grupos, mas ACONTECE QUE A OPOSIÇÃO NÃO PERMITIRÁ QUE O FAÇA, como os grupos que foram oposição nos governos — DESGOVERNOS será melhor dizer — anteriores (e que ora se transformam em governo), não permitiram que os ditos cujos fizessem nada que prestasse, justamente para que tivessem, (através do descontentamento das "massas", acautelado pela hábil propaganda), a oportunidade de se transformarem de "estilingue em vidraça", isto é, de oposição em governo.

Por isso, que o candidato ora eleito não poderá fazer "milagres" (e, portanto, apenas repetirá, com pequenas variações, ou uma insignificante e aparente "melhora nos métodos"), é que saudamos o novo governo, como sendo o ÚLTIMO dos governos (desgovernos) republicanos e a causa final propiciadora do ADVENTO DO III.º IMPÉRIO ORGANICO PATRIANOVISTA — regime sério, honesto e continuado — que, isolando os desonestos e malandros (como hoje faz o regime republicano isolando os honestos e bem intencionados), só permitirá a subida ao poder dos mais capazes que administrarão a nação brasileira SEM COMPROMISSO COM GRUPOS ECONÔMICOS, OU PARTIDOS POLÍTICOS (que nada mais são do que representantes visíveis daqueles), no sentido do BEM COMUM a todos os cidadãos: ricos e pobres; brancos e negros; letrados e iletrados; católicos e não católicos; civis e militares; monarquistas e não monarquistas.

E, aí, daquele que assim não agir! Haverá uma força pronta a funcionar, em cada praça de cada uma de TODAS as cidades do Brasil.

Não se assustem os republicanos e nem "se saangrem em saúde" — já os vejo vociferando contra a "barbaridade" desta afirmação — pois que a força não se destina a eles especificamente, já que serão isolados como pestilentos em quarentena e não terão acesso ao poder, (a ele sendo chamados, apenas, os capazes, honestos e bem intencionados), mas aqueles que, por uma eventualidade se tornem mercedores de tal castigo, sejam eles republicanos, monarquistas, ou cousa nenhuma.

Não queremos, por prazer, sádico, que as forças funcionem, ou venham a funcionar, mas, a sua sombra, indicará a falta de um cartaz próprio, que elas ali estarão PARA FUNCIONAR. Se isto obrigarem os INTERESSADOS EM SEREM INFORCADOS.

O IMPÉRIO jamais enforcará, por vontade própria, ninguém. Os safados, os traidores, os exploradores da desgraça do povo e outros que tais — como estes que agem livremente na RP pública que lhes garante liberdade de ação maléfica, sem castigo é que porão em suas próprias cabeças o barão que fará justiça aos seus nefandos crimes.

Verão, então, todos os brasileiros, que sempre tivemos razão. Todos nós viveremos um regime de paz e felicidade, inclusive os próprios republicanos, por muitos e muitos anos.

Que Deus se lembre do sofrimento da nação brasileira e ponha BREVE FIM à desgraça republicana.

José de OLIVEIRA PINHO

A democracia "erlista" ou anticristã, partidária, no afã de levar as nações para o comunismo, vai transformando-as em campo de futebol macabro e cômico, onde há direitas, meias-direitas, centros, meias-esquerdas, esquerdas, extremas-direitas e extremas-esquerdas.

É uma palhaçada trágica que precisa acabar nas nações ainda cristãs.

As leis eleitorais republicanas impõem ditatorialmente a divisão do Povo em partidos e depois decejam curiosamente a União nacional!!!

POLÍTICA DE ONTEM E DE HOJE

O maior dos problemas que se depara ao político observador da realidade, é o das relações entre governo e representação. O antigo regime, antes do absolutismo, havia solucionado a questão da harmonia entre autoridade e liberdade, circunscrevendo os limites da primeira ao poder político e os limites da segunda ao poder social. O mal do absolutismo foi haver concentrado muito poder na pessoa dos Reis, em prejuízo dos municípios e das corporações de ofícios, outrora poderosas e florescentes como centros de força social e econômica. Entretanto, havendo deturpado a sabedoria da ordem política medieval, baseada nos dogmas e postulados católicos, o absolutismo não destruiu esse admirável ordenamento.

A tarefa de substituir a sábia e sadia ordem política medieval por uma pseudo-ordem anti-social e anti-humana, coube historicamente ao liberalismo moderno, essa chaga aberta no peito da civilização cristã. Os loucos furiosos que promoveram a chamada revolução francesa, na verdade feita contra a França por inimigos externos e internos (vide Copin Aillonville: "Le Pouvoir Occulte contre la France"), eliminaram toda influência e prestígio político dos grupos sociais, municípios e corporações, arrebatando-lhes a autonomia administrativa e econômica que ainda desfrutavam nas monarquias absolutas. Em contraposição entregaram ao Estado o poder total, político, social, jurídico e econômico, em nome da liberdade, igualdade e fraternidade. Todas as nações, envenenadas pelos "imortais princípios", seguiram na esteira da França.

A representação política dos municípios e corporações medievais era efetiva e poderosa, porque os grupos representados correspondiam às diferentes formas de vida social e às diversas atividades profissionais humanas. Eram forças humanas e sociais naturais, cuja existência, direitos e organização o Estado reconhecia e respeitava. Estes corpos sociais tinham, cada qual, uma estrutura conforme ao fim a que se destinavam e uma direção consequente. Estando organizados e abrangendo parte importante do povo, suas decisões eram acatadas no governo real, que não podia governar sem eles.

Os Municípios eram reuniões de famílias que habitavam o mesmo território; tinham autonomia administrativa e econômica. Semelhantes privilégios conferiam ao município um poder social que apenas achava paralelo no poder das corporações. Cada município fazia-se representar junto ao soberano e este via-se na contingência de atender os interesses locais de cada uma das células da nação. A influência dos delegados municipais era grande no governo, dado que se fazia sentir até na política externa, pois o rei sa-

bia que representavam forças vivas da nação.

Hoje em dia a representação do povo no governo é feita através de instituições artificiais: os super-famosos partidos políticos. C que é um partido político? Quando não é uma corrente revolucionária organizada para a conquista do poder, é um aglomerado de estômagos famélicos defendendo os interesses de outros ventres maiores e mais famintos ainda. Entretanto, diriam alguns à guisa de objeção, na Inglaterra os partidos sempre foram honestos. Sim, honestos apesar de inúteis, dizemos nós, porque a monarquia inglesa é um sistema de governo cujas instituições se opõem eficazmente (apesar dos partidos) ao saque sistemático da nação. O trono une as classes do povo em redor do monarca, o qual, mesmo reinando sem governar, neutraliza o papel nefasto dos que dividem e fogam a nação contra si mesma.

Os partidos são invenções dos malandros da política que assim dividem o povo em benefício próprio. Não convém a essa canela que o povo esteja unido e organizado para o bem da Nação. Para substituir a representação real das classes e profissões no poder, formaram grupos que se disputam o governo do país representando interesses mais ou menos captares. Esses grupos são os partidos políticos.

Ninguém que não seja insano, pode considerar normal o estado de uma nação, cujo povo, dividido em facções que apenas servem aquelas que as inventaram, se deglodia sem saber por que, em proveito exclusivo de uma desprezível minoria. Assim mesmo os partidos liberais somente dão sinal de vida em época de eleição, quando passam a encafnhar-se pela posse dos cargos públicos. O povo sabe que os partidos não existem senão para servir os aventureiros e argentários inescrupulosos. Não representam nenhuma classe ou profissão enquanto tais. Por isso o povo desinteressado-se sempre mais e mais pelas eleições na base do sufrágio universal, essa enorme "mentira universal", como o chamou Pio IX.

A tendência "instintiva" do liberalismo é caminhar em direção à república. A monarquia liberal significa uma etapa do processo revolucionário, e a república, uma vez conseguida, também serve de etapa para coisa pior. O rei é aliado natural do povo inteiro, encarnando a soberania nacional acima dos grupos e das classes, razão pela qual os inimigos do povo têm no monarca o principal obstáculo à consecução de seus objetivos inconfessáveis. Entretanto o poder inteligente do mal sabe que não é possível acabar logo com as boas instituições da monarquia e depor o rei ou imperador, sem uma

prévia preparação do terreno. Por esse motivo age por etapas e vai solapando a ordem do regime real, através de leis erradas e organismos contrários à ordem vigente, que seus agentes ocultos inventam e introduzem no regime político da nação.

O regime político da nação é aquele da sua história e tradição. Não é regime nacional o que se fundamenta em constituição teórica e copiada do estrangeiro, como se teima em fazer no Brasil. Este último é obra dos tais agentes inimigos que deturpam progressivamente as instituições sadias, de geração em geração, até conseguirem o objetivo colimado por seus chefes.

A monarquia orgânica deturpada resulta no absolutismo, que por sua vez cai no extremo oposto: liberalismo, surgindo no início sob forma monárquica e acabando em república liberal que é a base do socialismo, o qual se serve da república

socialista para chegar ao comunismo que é tirania satânica.

Afinal os povos perderam a monarquia legítima da sua formação para serem escravos de tirania invasora e destruidora de todos os povos. Que ganharam eles com a maldadada troca? Praza a Deus que semelhante barganha não se efetue em todos os países do mundo, como querem os adeptos do "sentido dialético da história".

Urge acabar com a praga do liberalismo e da república, reformando a organização política do estado moderno. As nações devem tomar consciência de si, de sua identidade e originalidade histórico-natural, para aprenderem a respeitar a grandeza própria e alheia. É necessário não esquecerem que essa grandeza é obra genuína da monarquia que acompanha o apogeu das nações, enquanto a república é regime desagregador e típico das épocas de decadência nacional e social.

Miguel ESTEFANO NETO

ULTRAJE AO CHEFE DA NAÇÃO E AO EXÉRCITO BRASILEIRO

Com mira DIRECTA aos bolchevizesantes oficiais e aos filocomunistas, transcrevemos da GAZETA de 6.10.1947, São Paulo, o artigo com essa epígrafe.

"O governo de Moscou vive azedado com os países que se declararam contra as pretensões dos vermelhos na Assembleia Geral da ONU. Entre os citados países figura, naturalmente, o Brasil, cuja atitude foi das mais decisivas em oposição aos intentos criminosos do Kremlin. Pensar que Stálin e seu bando se esquecessem disso e não alimentassem o ódio que arrasta ao desespero da guerra, seria ingenuidade ou ignorância. Hoje não existe, no mundo inteiro, gente mais perigosa do que a dominante na URSS. Só mesmo o poderio da América do Norte constringe os aventureiros do Volga a se manterem de expectativa. Ao contrário, eles já teriam se espalhado na invasão das pátrias vizinhas.

"Para embair a credulidade e a boa fé alheia, os comunistas vestem o hábito da democracia. E não há roupagegem que pior lhes fica, do que a ideologia de liberdade e igualdade humanas. Defensores de ditadura sinistra, tão humilhante e escravizadora como a do nazifascismo, os homens da foíce e o martelo não coram ao se inculcarem o rótulo de democratas. A democracia deles é de pura fachada, porque senhores do poder, negam todas as regalias e todos os direitos às criaturas. Não passam de mantenedores e policiais do Estado absorvente, para o qual o indivíduo desempenha, por muito favor, a função de peça de segunda ordem no maquinismo totalitário da esquerda.

"Sempre que os sanguinários das estepes atacam alguém, a acusação de nazifascista lhes explui dos lábios. No entanto, ninguém se parece tanto com um nazifascista como um comunista. São vi-ho da mesma pipa. Por ser um da esquerda e o outro da direita, não quer dizer nada. Os extremos se tocam. E eles se assilham e se entendem de modo admirável. A recriinação de nazifascista, no insulto do comunista, é simples mistificação. Contudo não enganam. Ofendem-se a si próprios.

"Telegramas de Moscou revelam os comentários de certa revista russa, de carácter oficioso, a qual, por motivo da posição do Brasil na ONU, desteriu ataques à pessoa do general Eurico Gaspar Dutra. Também ao Exército Nacional jogou o pasquim rubro ultra-es e infâmias. Na verrina da folha moscovita que é a "Gazeta Literária", está escrito que o presidente da República é nazifascista descaído e que o nosso Exército, durante a guerra, ficou sob o comando do estrategista de café" Dutra, e "o seu papel se resumiu em proteger os cinemas brasileiros contra a invasão dos jornais cinematográficos". A miséria contida nessas afirmações causa revolta. Não se pode acolhê-las com indiferença, em vista do número de bolchevizes que, em nossa terra, estão ligados aos interesses e à "quinta coluna" da União Soviética.

"A repulsa é necessária, à oburgatoria dos legítimos continuadores da delinqüência tirânica do antigo "eixo". Na ofensa ao primeiro magistrado da República e ao glorioso Exército Nacional, põem os comunistas o veneno das suas perversidades que o despeito agrava. O despeito de haverem fracassado em suas intenções, porque batidos na Assembleia Geral da ONU. São estúpidos demais, êsses outros totalitaristas que sonham acorrentar o mundo livre à sanha do imperialismo eslavo.

"Os comunistas do Brasil estão batendo palmas à grosseria dos seus amos de Moscou. Para eles está certo. Porque o chefe

CONSPIRAÇÃO INTERNACIONAL

Em nosso número 33, denunciávamos a conspiração dos malfeitores internacionais contra as Nações, em especial contra as Nações Católicas, nomeadamente Portugal e Espanha.

Para investidas tais, qualquer pretexto serve. Os piores costumam emprestar aos seus inimigos ou aos seus invejados as mais vis qualidades que eles mesmos têm. Em se tratando da luta contra governantes, fácil é adivinhar o que seriam tais conspiradores, caso chegassem a ocupar os cargos em que estão os por eles impugoados.

Tratando-se de Portugal, os homens que hoje beiram ou superam os 60 anos e não perderam a memória sabem o que foi em 1910 a instauração lá na "Santa Terriinha" da república que maçônica-carbonária que, como tufão sinistro dirigindo uma horda de bárbaros ímpios e endemoninhados, se apoderou com voracidade e ferocidade ncrível da Pátria Portuguesa. Surgiram todas as formas mais velhacas de perseguição à Igreja, à velha Nação Missionária, a toda gente honesta e bem pensante. Foi uma calamidade apocalíptica. Fizeram do glorioso Portugal a vergonha do mundo.

Após o sacrifício de tantos homens decentes que, patriotas à Viriato, reagiram contra os canalhas lupinos e baldos de qualquer consciência humana, após tantas dores e imolações como a do nobre general Sidónio Pais, afinal venceu o varão plutarquiano, chamado General Carmona que descobriu um grande Chefe — Salazar.

Não somos salazaristas, nem pretendemos dar lições aos nossos irmãos portugueses, quanto aos problemas internos do País membro da nossa COMUNIDADE LUSIADA. Somos monarquistas integrais, como talvez a maioria das novas gerações portuguesas.

Confessamos, porém, rasgada-mente que não quereríamos ver Delgados, Galvões e cetera vademonte, carbonária, filocomunista ou comunista simplesmente no comando da Nação Portuguesa.

Já estamos suficientemente satisfeitos com a amostra trágico-burlesca da carnalada da sua "santa" liberdade, quando pisaram todos os direitos alheios. Basta! E deixem de fazer da nossa Pátria a plataforma de lançamento das suas carbonarias! Isso poderá prejudicar gravissimamente a própria estabilidade do governo actual do Brasil.

supremo da clique vermelha já sustentou, no parlamento, que os soviéticos caboclos pegariam em armas a favor da URSS, se esta declarasse guerra ao Brasil. Compreende-se, portanto, por que atiram baldões à honradez do nosso presidente e ao heroísmo dos nossos soldados. Explosão de traidores!"

— Esse o artigo. Pode-se aplicar também aos "infielões" e titos, perseguidores da Fé que o actual presidente tanto admira... Coerências republicanas... Enquanto isso, dormem os defensores do Brasil autêntico e se riem quiçá da intolerância patrianovista..

DO UTRINA

Idudidos por interesses profetas do mal, deixaram-se os povos guiar por chefetes ignóbeis que, apoiados por concluídos secretos internacionais e anti-nacionais, derribaram os Reis da sua Tradição. As brutas, pelas armas de exércitos vendidos ou ignorantes posteriormente ciosíssimos de falsas politiqueros malandros, pressões psicológicas de propagandas capitalísticas gananciosas (amíude estrangeiras) inimigos do bem público, — exaltaram indivíduos multifrôntes, sem passado e sem responsabilidade nacional, ambiciosos e soberbos, quando não ingénuos e balofos.

Gerou-se a anarquia. No caos anti e desumano, surgiu necessariamente o tirano (como diziam os gregos) ou o ditador, para restabelecer a ordem ou, melhor, certa ordem. O tirano, porém, ou o ditador não é Rei, mas (por mais que lhe possam rectamente querer bem) caricatura do Rei, cuja vida e vivência se integram plenamente na pátria. Como poucos habitualmente reconhecem o bem que talvez o ditador faça e até exagerem muitos os erros que comete (como em Roma Júlio César) — instável se torna sob certos aspectos a situação do país, pois aquele que não tem o poder legítimo consagrado pelas gerações longas da formação nacional é levado fatalmente a usar a violência para manter-se em sua autoridade contra o possívelmente piores que ele e cobardes do seu luar, coarctando destarte ilegítimos e quiçá, de roldão com elas, legítimas liberdades públicas e privadas. Tal é o infortunado característico dos sistemas de transição, fruto de anteriores rompimentos com a realidade histórico-natural.

Embalde berram ou zurram os teóricos, os utópicos, os românticos do homem edênicamente bom e cordato. Premissas erradas engendram erradas conclusões.

... E a volta ao juízo, a frialdade do julgamento não é fácil aos soberbos que se julgam superiores a todos os seus próximos e gritam energumenamente com Lúcifer: Non serviam! — não servirem!

Apliquem o conto os que quiserem e a quem quiserem. E até a si mesmos, se a propósito fôr. Fatal na sua operância a doutrina. Só aos tolos a verdade ofende, enquanto aos doutos aumenta a voltagem dos faróis da experiência.